

O CUIDADO DE SI E DOS OUTROS.
A "HERMENÊUTICA DO SUJEITO", 40 ANOS DEPOIS
Jornada internacional de Estudos foucaultianos
18 de Novembro 2022

RESUMOS E NOTAS BIOGRÁFICAS

É A PSICANÁLISE UM CUIDADO DE SI?

ERNANI PINHEIRO CHAVES

Resumo: A psicanálise, em especial a da tradição Freud-Lacan, é referida no curso "A hermenêutica do sujeito" como uma "forma de espiritualidade" (assim como o marxismo) na medida em que coloca em cena uma relação entre o sujeito e a verdade, na qual o acesso à verdade resulta, necessariamente, numa transformação do próprio sujeito. Foucault dirá, na segunda hora da aula de 6 de janeiro de 1982, que a "velha questão da espiritualidade", entendida justamente como o modo pelo qual o sujeito se constitui tendo em vista a verdade, reencontra, sem que haja uma explicitação disso, a questão do cuidado de si. O objetivo de minha fala será, justamente, o de compreender o lugar da psicanálise nesse curso de Foucault.

Nota biográfica: Professor Titular da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará (Brasil). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia dessa mesma universidade. Autor de "Foucault e a psicanálise" e "Michel Foucault e a verdade cínica". Membro da Red Iberoamericana de Estudios Foucaultianos. Membro do Conselho Editorial da "Dorsal - Revista de Estudios Foucaultianos". Tradutor de Nietzsche, Benjamin e Freud.



A IMPORTÂNCIA DA DISTINÇÃO PLATÓNICA ENTRE CUIDADO APARENTE E CUIDADO REAL DE SI

HÉLDER TELO

Resumo: Na *Hermenêutica do Sujeito*, Foucault desenvolve a sua discussão do cuidado de si na Antiguidade a partir da análise do *Alcibíades I* e da *Apologia*. Ao considerar Platão e outros autores antigos, Foucault dá especial atenção à relação entre cuidado de si e verdade. Segundo Foucault, para muitos dos filósofos antigos a verdade era algo que requeria que o sujeito se transformasse a si mesmo e, de facto, esta relação entre cuidado e verdade está muito claramente presente nos textos de Platão que Foucault considera. No entanto, há um aspeto da discussão de Platão das relações entre cuidado e verdade (ou conhecimento) a que Foucault dedica menos atenção. Esse aspeto, ainda que presente no *Alcibíades I*, é especialmente posto em evidência noutra importante discussão platónica do cuidado. No *Górgias* (461b-466a, 500e-504d, 517c-519a), a personagem Sócrates estabelece e desenvolve a distinção entre formas de cuidado (*therapeia*) propriamente ditas, correspondentes a saberes técnicos (*technai*), e formas de intervenção na vida humana que têm a pretensão de ser formas de cuidado, mas que segundo Sócrates não passam de formas de adulação (*kolakeia*). Segundo Sócrates, a diferença entre ambos os tipos de atividade diz simultaneamente respeito ao seu estatuto cognitivo e àquilo que elas visam, o que se traduz numa forma de intervenção muito diferente sobre os seus objetos: uma delas benéfica, a outra prejudicial. O objetivo desta comunicação é explorar a diferença platónica entre cuidado ou saber técnico e adulação e, posteriormente, discutir a sua aplicabilidade às discussões foucaultianas do cuidado de si,

de modo a mostrar a importância de encontrar critérios que permitam distinguir entre formas meramente aparentes e formas reais de cuidar de si.

Nota biográfica: Hélder Telo é bolseiro de pós-doutoramento no IFILNOVA (Universidade Nova de Lisboa) e leciona regularmente no Centro Luís Krus (também na Universidade Nova). Doutorou-se em Filosofia em 2018, com uma dissertação sobre a crítica de Platão à vida não-examinada. Realizou parte da sua investigação doutoral na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg e no Boston College. A sua investigação centra-se sobretudo na filosofia antiga e na receção do pensamento antigo em autores contemporâneos. Publicou textos sobre Platão, Aristóteles, Marco Aurélio, Nietzsche, Scheler e Heidegger em editoras e revistas nacionais e internacionais.



CUIDADO DE SI E CONVERSÃO: A CONTRIBUIÇÃO DE MICHEL FOUCAULT PARA UMA GENEALOGIA DA ESPIRITUALIDADE OCIDENTAL

GIANFRANCO FERRARO

Resumo: Entre as várias contribuições inovadoras da “Hermenêutica do sujeito”, pode ser ressaltada a possibilidade que o estudo do “cuidado de si” oferece para uma genealogia das formas antigas de espiritualidade. Um dos elementos cruciais desta genealogia é dada pela análise da noção de conversão, que Foucault herdava em parte dos antecedentes trabalhos de Pierre Hadot. À taxonomia da conversão proposta por Hadot, Foucault acrescenta, porém, ulteriores elementos (como a conversão para si), que permitem hoje avançar a proposta de um estudo genealógico da noção de conversão, capaz de inovar a própria abordagem da filosofia da religião, da teologia, da filosofia política, da ética. Neste sentido, e tendo em conta os objectivos de todos os últimos cursos, é possível avançar a proposta de ler a hermenêutica do sujeito de Foucault como uma tentativa de compreensão do que está em jogo nas formas de espiritualidade (pelo menos) ocidental, isto é, a tensão expressada pelas diferentes formas de transformação do *bios*, quer do ponto de vista individual quer colectivo.

Nota biográfica: natural de Itália, estudou filosofia em Pisa, e doutorou-se na Itália e na França com uma tese sobre a noção de ascese em Nietzsche, Weber e Foucault. Coordena a Linha de investigação “Conversão e educação” do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (Lisboa), onde é também bolseiro FCT de doutoramento com uma tese sobre as raízes antigas e as influências modernas dos “Exercícios Espirituais” de Inácio de Loyola. Os seus interesses de investigação focam-se principalmente na noção de “conversão”, abordada, a partir de diferentes pontos de observação (filosófico, político, espiritual) e dos estudos de Michel Foucault e Pierre Hadot sobre o tema. Neste quadro, escreveu vários ensaios sobre Foucault, Nietzsche, a teoria literária e a tradição utópica moderna, está a co-editar o livro “Formas de conversão” (Abysmo, 2022) e a elaborar um volume teórico. Co-editou o livro “The Late Foucault. Ethical and Political Questions” (Bloomsbury, 2020). É director da revista de estudos utópicos “Thomas Project. A border journal for utopian thoughts”.



O CUIDADO DE SI E A TRANSGRESSÃO: ELEMENTOS PARA AS PRÁTICAS DE LIBERDADE

BRUNO FRANCESCHINI

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo analisar, à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos, enunciados coletados de entrevistas com três travestis doutoras nas quais discutem-se questões

relacionadas à obtenção do referido título acadêmico e à elaboração de um conjunto de práticas de si e do exercício das práticas de liberdade. Busca-se, então, investigar como esse sujeito se constitui em sua relação consigo mesmo ao questionar os discursos que pretendem dizer uma verdade sobre o sujeito travesti e como esse sujeito, em um movimento de resistência e transgressão à normatização e à normalização heterocisnormativa, cria novas linhas de fuga que conferem autonomia para o cuidado de si, estabelecendo uma nova configuração no jogo político da verdade e na complexidade da condução das condutas na experiência da subjetividade.

Nota biográfica: Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (2017). Docente dos cursos de graduação e de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Membro da Comissão de Análise do Discurso da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Desenvolve suas pesquisas e orientações no âmbito dos Estudos Discursivos Foucaultianos com os seguintes temas: dispositivo, processos de subjetivação e práticas de liberdade. Foi contemplado no Edital de Fomento - FUNAPE 02/2022, no Programa de Apoio do Jovem Pesquisador.

~~~~~

#### AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E CUIDADO DE SI

**TASCIELI FELTRIN**

**Resumo:** A noção de cuidado de si em Foucault (2006) oferece possibilidades para se pensar a reinvenção de uma ética da educação e da docência. O ato de cuidar de si pressupõe consciência de si, consciência do outro, consciência da vida em sociedade, da vida privada, das limitações dos tempos e espaços atravessados pela pandemia de Covid-19 no contemporâneo. Mudanças no sistema de valores econômicos e éticos entram em confronto com as necessidades de dignidade humana e revelam uma angustiante frustração com os rumos que se dá ao ser docente. Não apenas diante da falência dos modos tradicionais de ensinar, mas diante da falência de valores. É preciso perceber que a inteligência que o docente necessita ter não é só acadêmica, racionalista, científica e/ou tecnológica – ela tem de ser humana, dotada de alma e de sensibilidade. E se essa for a hora de sairmos em busca de outros horizontes de ideias e práticas educacionais? E se pudermos criar uma docência por desejo? Se pudermos insurgir outros nessa sociedade que nos vê como depositários de saberes e crianças? O que mais podemos ser? Será que teremos outro espaço-tempo de nos reinventarmos, não como urge as problemáticas do capitalismo e do neoliberalismo, mas como urge o saber docente? A autoformação, aqui, é entendida como uma produção de si próprio, coletiva e subjetiva e, que engloba a escolha por uma postura profissional (ativa ou não) diante das situações escolares e, também, das políticas públicas educacionais que vemos surgir no contemporâneo. Partindo dessas constatações, defende-se que, no contexto atual, a autoformação docente se torna a principal ferramenta de reflexão sobre a atuação profissional. Autoformação não como um conceito abstrato que pressupõem que todos os educadores por algum tipo de iluminação estarão aptos a agirem nessa nova realidade. Mas sim, entendida como ato formativo que vem do conhecimento do contexto de seus estudantes, da vivência em sala de aula, da reflexão sobre o *onde* e o *como* de cada escola, sobre seu público-alvo: dessa reflexão e de cada contexto particular surgirão as estratégias a serem adotadas para a melhor forma de atuação docente e cuidado de si e dos outros.

**Nota biográfica:** Graduada em Letras licenciatura plena em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e respectivas Literaturas pela Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES); Especialista em Gestão Escolar pela UFSM/ UAB; Doutora e Mestre em Educação pela Linha de Pesquisa 1 Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Atuou como formadora em importantes projetos do âmbito educacional

como a Formação Continuada de Professores no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC; Programa Novo Mais Educação; Programa Universidade Aberta do Brasil junto ao Curso de Formação de Professores para a Educação Profissional UAB/UFSM (2017-2019), e Curso de Letras Português/Literatura (2019- 2020); Projeto de Extensão Práxis Pré-Vestibular Popular da UFSM; e Projeto Formação Profissional Inicial do Programa Municipal Conexão de Saberes (SMED/SM). É Servidora pública na rede Municipal de Educação de Santa Maria e atua como revisora de obras literárias e acadêmicas em parceria com a Editora Pimenta Cultural. Possui experiência e publicações nas áreas de Formação de Professores, Educação Popular, Saberes Marginalizados, Educação de Jovens e Adultos, História da Educação, Educação Libertária, Literatura Popular e Multiletramentos.



### O SUJEITO DA EDUCAÇÃO: O CUIDADO DE SI NOS DESAFIOS PEDAGÓGICOS CONTEMPORÂNEOS

**DANIELA FARIAS**

**Resumo:** A partir da modernidade ocorreu uma profunda revolução dos saberes, da educação e da pedagogia amparados pelo racionalismo e desenvolvimento científico. Os modelos pedagógicos passam a privilegiar a transmissão do saber científico com objetivo de formação para vida pública do trabalho e da cidadania. A escola assume o papel da formação dos sujeitos por meio da transmissão do conhecimento acumulado por gerações. A verdade passa a ser compreendida como apenas uma questão de método, não exigindo nenhum tipo de transformação interna dos sujeitos.

Apesar de todos os discursos e propostas das diversas correntes que atravessam a pedagogia contemporânea, ainda é muito perturbadora a ideia de uma pedagogia voltada para o cuidado de si. Isso porque, o cuidado de si exige uma relação diferente do conhecimento, deslocando-se das esferas de poder extrínsecas ao sujeito, para os interiores a ele.

A própria estrutura de ensino, incluindo o currículo, a formação docente, as metodologias e avaliações, reflete a dinâmica de mediar e medir por meio da quantidade de conhecimentos e pelo desenvolvimento de habilidades e competências sob uma perspectiva utilitarista.

Um dos grandes desafios pedagógicos contemporâneos consiste na produção de espaços que possibilitam aos sujeitos da educação, experimentarem e governarem a si mesmos, desenvolvendo formas de vida autênticas que possam resistir às práticas de assujeitamento impostas pelo biopoder.

A proposta foucaultiana do retorno ao cuidado e governo de si se apresenta como desafiadora, mas, extremamente necessária no século XXI onde os sujeitos se encontram mergulhados nos diversos dispositivos de massificação de singularidades como mídias, tecnologia e ofertas institucionais de formação.

**Nota biográfica:** Daniela Farias leciona História e Filosofia nos cursos de licenciatura e demais cursos na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na Universidade Paranaense. É graduada em História, Filosofia e Pedagogia. Mestre em História Política e Movimentos Populacionais e Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. Doutoranda em Estudos Globais (Universidade Aberta de Portugal).



### DO ANTIGO CUIDADO DE SI AO MODERNO CONHECE-TE A TI MESMO: O SUJEITO OBJECTO DE CONHECIMENTO DA PSIQUIATRIA. NOTAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO VISUAL DE LOUCOS, DOENTES E CRIMINOSOS

**MARIANA GOMES DA COSTA**

**Resumo:** Uma hermenêutica do sujeito, cujas raízes Foucault situou na época cristã mas que foi especialmente desenvolvida a partir do século XVIII, surge dividida em duas vertentes que constituem mesmo os dois grandes eixos da obra de Foucault, se entendermos como *leitmotiv* desta uma história das relações entre subjectividade e verdade. A primeira dessas vertentes é a produção de um dizer verdadeiro sobre o homem, tornado objecto de conhecimento a partir da sua subjectivação num contexto disciplinar; a segunda é a injunção a dizer verdade sobre si próprio imposta ao sujeito. Nesta interpretação errónea do preceito délfico do *gnôthi seautón* (*conhece-te a ti mesmo*), está em causa uma doutrina da interioridade psicológica pela qual se assume não só que este sujeito, *per se*, é capaz de verdade, como deve perscrutar a sua verdade. Se a sexualidade foi o dispositivo condutor desta última asserção, entendido o desejo como o nosso mais profundo segredo, outros dispositivos estiveram na base da produção discursiva das ciências humanas ou do poder-saber moderno – é o caso do panóptico, mas também do dispositivo fotográfico, que destacaremos. A representação visual dos sujeitos excluídos – loucos, doentes, criminosos – constituiu a prova da sua anormalidade, ao mesmo tempo que por ela – sem sabermos se pelas próprias imagens se por uma intenção do sujeito – se entrevê uma forma de resistência que aponta a outra modalidade da subjectivação que Foucault destacou na última fase da vida: a *epiméleia heauthou* (*cuidado de si*).

**Nota biográfica:** Investigadora do ICNOVA. Bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com um projecto que cruza as áreas das Ciências da Comunicação e da Filosofia para estudar a influência dos dispositivos fotográfico e radiográfico na transformação do olhar médico psiquiátrico. Membro do Projeto *Photo-Impulse*. *O impulso fotográfico: medindo as colónias e os corpos colonizados*. *O arquivo fotográfico e fílmico das missões portuguesas de geografia e antropologia*. Licenciada em Comunicação Social pela Universidade Católica Portuguesa (2005) e em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2010), concluiu aí em 2018 um mestrado sobre a obra de Michel Foucault, com enfoque na obra *Nascimento da clínica: Uma arqueologia do olhar médico*. Nos últimos anos, conciliou o trabalho de *freelancer* na área da Imprensa escrita com a colaboração com os centros de investigação CEFI-UCP e CLEPUL-FLUL, desempenhando tarefas de revisão e tradução, fixação de texto antigo e comunicação institucional.

~\*~

## O "CUIDADO DE SI" NOS COMPÊNDIOS DE CIVILIDADE DO SÉCULO XIX EM PORTUGAL

JOAQUIM PINTASSILGO

**Resumo:** Pretende-se, com esta comunicação, relacionar a noção de ‘cuidado de si’ com o conteúdo e funções dos compêndios de civilidade utilizados nas escolas primárias portuguesas, com especial incidência na segunda metade do século XIX. A civilidade era considerada uma área curricular e pretendia contribuir, a par da religião e moral católica, para a formação dos cidadãos idealizados pela nova sociedade liberal, capazes de ler e escrever e, como tal, de participar conscientemente na vida pública, através do voto, mas, também, de terem comportamentos sociais considerados adequados. A civilidade surgia, assim, como uma espécie de código regulador da vida social, devendo as regras que lhe estavam subjacentes serem interiorizadas pelos futuros cidadãos. Mais do que à imposição por parte dos poderes públicos, apelava-se a uma autorregulação dos comportamentos por parte de cidadãos considerados autónomos. Através da civilidade intentava-se integrar no ‘processo civilizacional’ um vasto conjunto de crianças oriundas dos meios populares. Tinha-se em vista a elevação de pessoas rudes e primitivas, tal como eram consideradas pelas elites cultas, à categoria de pessoas polidas e civilizadas, condição considerada necessária ao progresso social. A civilidade tinha, também, uma função normalizadora. As expressões corporais eram fortemente regulamentadas, racionalizadas e submetidas a ‘tecnologias do eu’ capazes de impedir as suas manifestações espontâneas e desordenadas. Pretendia-se fomentar um esquema de ‘habitus’ partilhado por todos e

erradicar do espaço público todos os comportamentos considerados inconvenientes ou bárbaros. A civilidade continha em si, finalmente, uma dinâmica de 'distinção'. Ao mesmo tempo que se integrava, diferenciava-se. O reforço, em novos moldes, da coesão social parecia implicar a preservação do respeito pela hierarquia social, não obstante a definição constitucional da igualdade de todos perante a lei.

**Nota biográfica:** Joaquim Pintassilgo é Doutor em História pela Universidade de Salamanca (1996), Mestre em História Cultural pela Universidade Nova de Lisboa (1987) e Licenciado em História pela Universidade de Lisboa (1982). É, neste momento, Professor Associado do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, onde já desempenhou, entre outras, as funções de membro da Comissão Instaladora, Subdiretor e Presidente do Conselho Pedagógico, para além de membro do Senado da Universidade. É atualmente Presidente da Direção da Associação de História da Educação de Portugal – HISTEDUP. Foi, entre 2013 e 2016, membro do Comité Executivo da *International Standing Conference for the History of Education*. Foi Professor ou Investigador Visitante em diversas universidades nos Estados Unidos e no Brasil. Tem sido Investigador Principal e membro de equipas de vários projetos de investigação e é autor, coautor ou organizador de obras diversas, em especial na área da História da Educação de que são exemplo as seguintes: *Roteiros da inovação pedagógica* (2019), *História da Educação: Fundamentos teóricos e metodologias de pesquisa* (2015), *O 25 de Abril e a Educação* (2014), *Laicidade, religiões e educação* (2013), *Escolas de Formação de Professores em Portugal* (2012), *História da escola em Portugal e no Brasil* (2006) e *República e formação de cidadãos* (1998). É, ainda, autor de um conjunto vasto de artigos em revistas nacionais e internacionais e de capítulos em obras coletivas.



## UMA OUTRA HISTÓRIA DO SUJEITO: DE FOUCAULT AO NEOLIBERALISMO

**JOSÉ CASELAS**

**Resumo:** Seguindo a linha de fuga de uma história do sujeito podemos delinear uma descontinuidade que vai das primeiras genealogias foucaultianas da sociedade disciplinar e da biopolítica para o advento de uma moral nos primeiros séculos do cristianismo e da época greco-romana. Do sujeito de desejo às práticas de si um longo percurso ficou para trás. Que fazer da liberdade prometida no sujeito-empresa de *O Nascimento da Biopolítica*? Mas como se configura hoje esse regime de verdade que desemboca no sujeito de desempenho neoliberal sob o imperativo do rendimento? E que modo de subjectivação face ao *homo digitalis* de uma identidade sem ação comunicativa, sujeito cada vez mais submetido à desintegração da esfera pública (Cardon), à *filter bubble* (Pariser), à infocracia (Han) e à governamentalidade algorítmica? Indagar de que modo as redes sociais e as plataformas produzem um Eu Quantificado (*Quantified Self*); o indivíduo-cifra. É possível pensar um sujeito político colectivo e um cuidado de si nesta psicopolítica? Que formas de autoconstituição e subjectivação dispomos hoje ao nosso alcance para lidar com as relações de poder? Que cidadania democrática e *parrésia* nesta racionalidade digital baseada na informação e na ciberguerra? Já não a vida biológica da zoe mas a vida virtual, a mera vida e a sua relação com o tempo, uma infinitização do tempo de trabalho.

Do corpo dócil da disciplina ao corpo de rendimento veremos uma terceira hipótese em Foucault: um sujeito destituente sem comando, sujeito anárquico de auto-soberania cínica capaz de uma outra forma-de-vida e narrativa de si para além da arte de governar existente. Que formas de resistência assumir perante esta biopsicopolítica que captura a vida em todas as suas dimensões?

**Nota biográfica:** José Caselas, do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa fez mestrado na mesma universidade e doutoramento na Universidade de Évora, ambas as teses em Filosofia Política

na vertente biopolítica. inspiradas no pensamento de Michel Foucault mas abrangendo outros autores eventualmente decorrentes do seu legado. Sobre este tema tem artigos disponíveis, alguns online: “Do Cuidado de Si ao Uso de Si. Diálogo entre Foucault e Agamben” (in Fios de Memória. Liber Amicorum para Fernanda Henriques, Ed. Húmus, 2018); “Como construir uma narrativa de si?” Évora, Jornadas Krisis, 2009); “Biopolítica e Formas de Subjectividade”; “Democracia liberal e Biopolítica: uma viragem filosófica”; “Figuras contemporâneas do biopoder”; A comunidade imprevista: para uma definição menor de democracia”; “O estranho mundo dos neoliberais” (in Ed. Colibri, 2022).



#### CONVERSA SOBRE O LIVRO “FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA”, EDIÇÕES 70, 2022 (ORGS. FEDERICO TESTA E MARTA FAUSTINO)

**FEDERICO TESTA**

**Nota biográfica:** Federico Testa é British Academy Postdoctoral Fellow na University of Bristol, onde também leciona, e doutor em Filosofia pela University of Warwick/Monash University. Seu foco de investigação é a filosofia continental, com especial ênfase na filosofia francesa contemporânea, bem como na recepção da filosofia antiga no pensamento contemporâneo de Nietzsche a Foucault. Traduziu para o inglês os ensaios escolhidos de Pierre Hadot (*Philosophy as Practice*, Bloomsbury 2020) e a *La morale d'Épicure*, de Jean-Marie Guyau (Bloomsbury 2022). Com Marta Faustino, organizou o volume *Filosofia como Modo de Vida: Ensaios Escolhidos* (Edições 70 2022). No momento, finaliza um livro sobre o questão das normas de vida em Foucault e Canguilhem (*On the Politics of the Living*, Bloomsbury). Em Portugal, colabora com o grupo de investigação 'Arts of Living', na Universidade Nova de Lisboa.



#### CONVERSA SOBRE O LIVRO “FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA”, EDIÇÕES 70, 2022 (ORGS. FEDERICO TESTA E MARTA FAUSTINO)

**MARTA FAUSTINO**

**Nota biográfica:** Marta Faustino é investigadora contratada do IFILNOVA (Instituto de Filosofia da Nova). Estudou Ciências da Comunicação (2002) e Filosofia (2005) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e doutorou-se em Filosofia (2013), na mesma universidade, com a dissertação “Nietzsche e a Grande Saúde. Para uma Terapia da Terapia”. Desenvolve actualmente um projecto individual sobre a filosofia como modo de vida, com especial foco em Nietzsche, Hadot e Foucault. É membro do LNG (Lisbon Nietzsche Group), do GERN (Groupe International de Recherches sur Nietzsche), do HyperNietzsche, da Red Iberoamericana Foucault e da Mellon Philosophy as a Way of Life Network. É autora de vários artigos e ensaios sobre Nietzsche, Foucault e os filósofos helenistas e co-editora de *Nietzsche e Pessoa: Ensaios* (Tinta-da-china, 2016), *Rostos do Si: Autobiografia, Confissão, Terapia* (Vendaval, 2019), *The Late Foucault: Ethical and Political Questions* (Bloomsbury, 2020) e *Filosofia como Modo de Vida: Ensaios Escolhidos* (Edições 70, 2020).